

Cangaço em ritmo de mangue beat

Baile Perfumado, dos pernambucanos Paulo Caldas e Lírio Ferreira, é o outro longa da noite que encerra a mostra competitiva do 29º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro

Fotos: Divulgação

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

O cangaço perfumado vai invadir o Cine Brasília. Lampião & bando posarão para a câmera do mascate libanês Benjamin Abrahão com algumas gotas importadas do perfume Fleur D'Amour, um gramofone, garrafa térmica e uísque. Sem esquecer, claro, dos produtos genuinamente nacionais: os embornais coloridos, os chapéus estrelados, as cartucheiras repletas de bala e dúzias de anéis em muitos dedos.

Brasília assiste, em primeiríssima mão, ao *Baile Perfumado*, primeiro longa produzido em Pernambuco, nos últimos 20 anos. Desde *O Palavrão*, de Cleto Mergulhão. Os diretores Paulo Caldas, 32 anos, e Lírio Ferreira, 31, carregam nas costas uma senhora expectativa. O filme foi feito cercado de simpatia. A contrapartida é pesada. Todo mundo espera muito deste nordestern pernambucano.

O Caderno 2 conversou com Paulo Caldas e com Duda Mamberti, ator principal do filme. Ele encarna o aventureiro, puteiro, fotógrafo, mascate e jornalista Benjamin Abrahão.



O filme, que concorre hoje ao Candalgo e ao Troféu Unesco de Cineasta Revelação, já foi visto em sua versão definitiva? Já passou por algum crivo público?

- Caldas - Não. A platéia de Brasília, que é muito ativa, crítica e participante, constitui nosso primeiro teste público. Só a equipe de finalização viu o filme pronto. Nós não temos nenhum distanciamento crítico para avaliar se o produto final está bom ou não. Para nós, está maravilhoso. Representa tudo que planejamos: um filme de aventura, jovem, censura livre, musicado por Chico Sciene, Fred 04, Sérgio "Siba" Veloso e Lúcio. O grande teste acontecerá hoje. Entendo que um filme só nasce, mesmo, na hora em que é mostrado ao público.

O filme tem narrador? Este recurso vem sendo abusivamente usado em filmes históricos. Foi assim em *Carlota Joaquina, Corisco & Dadá*...

- Caldas - Não chega a ser um narrador. Na prática, Benjamin Abrahão (Duda Mamberti) escreve e lê trechos do diário dele, em árabe, com legendas.

Que delícia. O filme respeita o idioma original do personagem?

- Caldas - Respeita. Ele pensa em árabe quando está escrevendo e usa o idioma na conversa com um patrício. Quando se comunica com personagens brasileiros, fala português com sotaque carregado.

- Duda Mamberti - Para compor o personagem frequentei casas de famílias libanescas, em São Paulo, e treinei bastante. Tive, ainda, um treinador (coach, figura essencial do cinema americano) que me ajudou muito, o cineasta libanês Munir Maasri.

Com ajuda dele e de famílias libanescas, adaptei minhas falas, escritas e m puro pernambucano, para registro que soma o português e o árabe.

O mundo do cangaço é povoado por machos. Há personagens femininos fortes no filme?

- Caldas - Não. Nossa filme é sobre um homem, o libanês Benjamin Abrahão, que filmou Lampião e bando, na caatinga. Com ele contracenam dois coadjuvantes fortes: Lampião (Luiz Carlos Vasconcelos, diretor de *O Vau da Sarapalha*) e o Tenente Lindalvo Rosa (o pernambucano Aramis Trindade), chefe da volante que caçava os cangaceiros. As mulheres têm papéis pequenos.

O filme chega a ser misógino?

- Caldas - Não, de forma alguma. Maria Bonita (Zuleica Ferreira) aparece no bando. Além dela, há Jacobina (Giovanna Gold), mulher do Coronel Zé de Zito (Chico Diaz), que mantém um relacionamento extraconjugal com Benjamin. Há também Dona Arminida (Geninha Borges, "a Fernanda Montenegro do Recife"), que interpreta a proprietária de uma pensão.

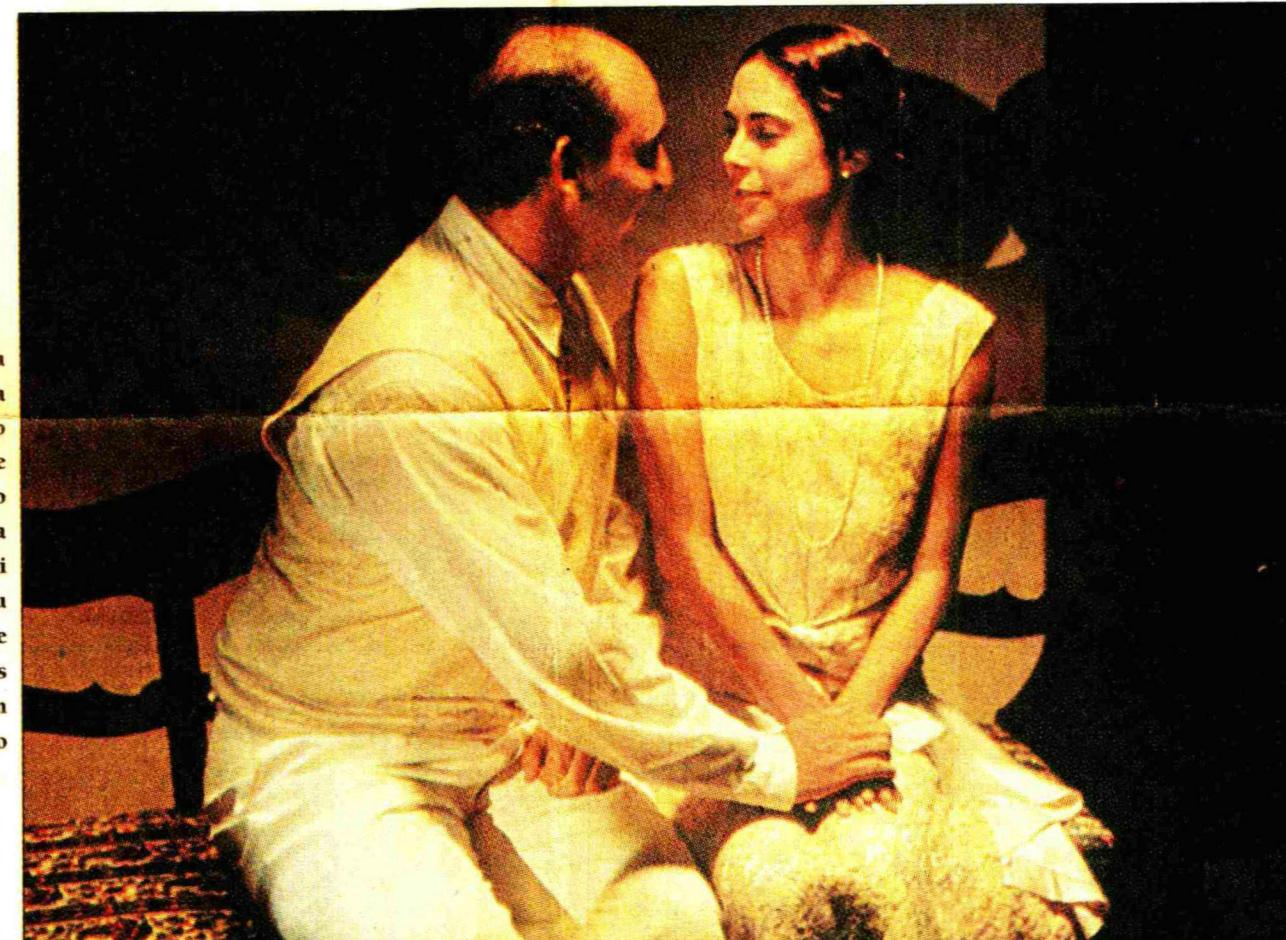
Os três protagonistas são atores pouco conhecidos do público...

- Caldas - Mas são grandes atores, gente formada no teatro. E há participações especiais, além de Chico Diaz e Giovanna Gold, de craques do calibre de Jofre Soares, que faz Padre Cícero, e a quem dedicamos o filme, e Cláudio Mamberti (Coronel Libório).

O filme ganhou o Resgate MinC para



Lampião, depois de muito resistir, chega a passar perfume francês para posar para a câmera do libanês Benjamin Abrahão



Para incorporar a personagem do mascate Abrahão, o ator Duda Mamberti frequentou casas de famílias libanescas em São Paulo



Paulo Caldas e Lírio Ferreira querem atingir o público jovem, lançando o primeiro a trilha sonora do filme encabeçada por Chico Sciene

desconhecido. Vocês já têm novos projetos?

- Duda - Depois deste que é meu primeiro grande papel no

cinema, espero realizar outros papéis de tamanho relevante. Fiz uma participação especial em *Quem Matou Pixote?* (um

português, dono da venda)

e atuei nos filmes *Alô!*, de Mara Mourão, e *Como Ser Solteiro no Rio de Janeiro*, de Rosane Swartman. Ambos em fase de finalização.

- Caldas - Lírio (Ferreira) e eu temos projetos em dupla e separados. Em dupla, pretendemos dirigir *Western Indian Co.* (nome provisório), sobre a missão Nassau em Pernambuco. O

holandês implantou, no

Nordeste, a primeira empresa multinacional de que se tem notícia. Ele não assumiu

o governo de Pernambuco. Na prática, invadiu o país com uma grande empresa internacional. Este projeto é muito caro.

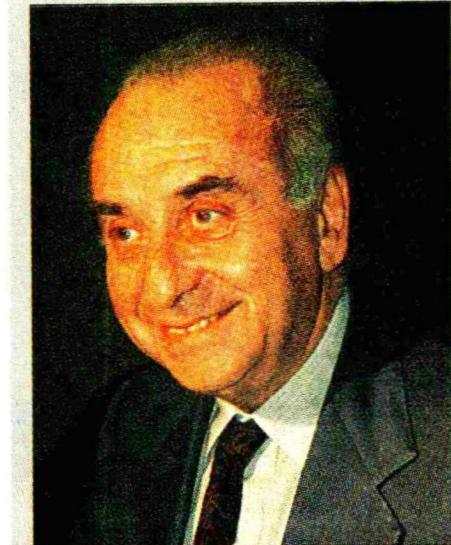
Ainda estamos na fase de roteirização da trama. Sozinho, planejo dirigir uma cinebiografia do poeta Augusto dos Anjos.

Lírio pensa em trabalhar o tema da morte por acidente de JK.

FLASHES

Catálogo - Como é que um festival que se propõe a ser o marco da retomada do cinema brasileiro, pós-tempo de Collor, não tem catálogo? No futuro, ao pesquisar o evento que funcionou como vitrine do "renascimento do audiovisual brasileiro", o investigador ficará pasmo em constatar que tal produção não mereceu nem uma singela brochura. A cineasta Tata Amaral, acostumada com os festivais de Leon Cakoff, de Curta de SP e de Gramado, estranhou. "Pena, não há catálogo para registrar este momento". A Jornada da Bahia e o Cine Ceará, eventos de menor alcance financeiro, nunca descuidaram deste item. Falha grave.

Sheyla Leal



Fauno Francês - O produtor Anatole Dauman, que consta dos créditos de filmes de Godard, Oshima e Chris Marker, ganhou nos bastidores do FEST BSB, o apelido de "fauno francês". Paquerou todas as moças bonitas da coordenação do Festival e não deu descanço a bela intérprete escalada para acompanhá-lo. Quando o Jornal de Brasília o convocou para uma sessão de fotos, ele indagou: "Ou sont les belles jeunes-filles?!" ou seja: onde estão as moças bonitas?

Brasília em fevereiro - A brasiliense Maria Augusta Ramos, que vive na Holanda, apresenta hoje, na mostra competitiva em 16mm, seu longa *Brasília, Um Dia em Fevereiro*. Trata-se documentário que acompanha um dia na vida de uma estudante, um vendedor de espelhos e uma mulher de diplomata. O festival acontece no Hotel Nacional, às 15h00.

Alto custo - Ninguém acredita que um curta brasileiro possa ter custado R\$ 530 mil, preço anunciado de Razão para Crer, da dupla brasiliense Heber Moura e Erik Castro. Afinal, Tata Amaral realizou o longa *Um Céu de Estrelas* com R\$ 430 mil. Octávio Bezerra fez *O Lado Certo da Vida Errada* com R\$ 240 mil. Os pernambucanos Lírio Ferreira e Paulo Caldas, um *Baile Perfumado* com R\$ 600 mil. Há algo errado nesta história do curta brasiliense. Será um curta portfólio? Ou seja, um cartão postal para os dois aspirantes a cineastas se introduzirem no mundo do longa-metragem? Quanto custará o primeiro longa deles? Se o número for multiplicado por dez, o filme de Moura & Castro custará R\$ 5 milhões. Mesmo orçamento de *Tietê e Guerra de Canudos*. Com a palavra, Vladimir Carvalho, que espanhou-se, domingo último (no artigo *Festival da Euforia com Autocrítica*), aqui no JBr, com as batalhas de guararapes que, no frigir dos ovos, resultam mesmo em verdadeiras batalhas de itararé. (MRC)

Marcos de Oliveira



Horálio - Todo ano é a mesma coisa. O Festival nunca começa na hora marcada. O público do Cine Brasília até que espera com certa paciência os habituais atrasos no início de cada uma das sessões da mostra competitiva. No primeiro dia, o cineasta Rui Guerra, convidado do Festival, se impacientou e assobiou a valer pedindo o início da exibição.

"A platéia de Brasília é muito ativa, crítica e participante. Constitui nosso primeiro teste público".

diretor estreante. Quanto custou e como se viabilizou?

- Caldas - Além do Resgate MinC, contamos com apoio do Governo do Estado de Pernambuco, do BNB (Banco do Nordeste do Brasil) e da Riofilme, na fase de finalização. Em dinheiro, fora apoios estratégicos, gastamos R\$ 600 mil.

De quantos espectadores o filme precisa para se pagar?

- Caldas - Ainda não tivemos tempo para fazer este cálculo. Esperamos atingir pelo menos um milhão de espectadores.

Vamos botar o filme debaixo do braço, como a Carla Camurati, que ganhou o mesmo Resgate para diretor estreante, e transformou *Carlota Joaquina* num grande

êxito. Primeiro, vamos lançar a trilha sonora em disco, na esteira do movimento Mangue Beat, e através dela sensibilizar o público jovem. Depois, vamos para o corpo-a-corpo. Queremos conquistar cada espectador. Vamos promover sessões-teste, monitorar cada praça de lançamento. Queremos entrar nos cinemas dos shoppings, das regiões populares e nas salas cult. O filme tem a turma jovem

"Vamos botar o filme debaixo do braço, como a Camurati, que ganhou o prêmio Resgate para diretor estreante e transformou *Carlota* num grande êxito"

como alvo. É um filme de aventura, censura livre.

Não tem nenhuma cena de sexo?

- Caldas - Não. Depois daquela cena de sexo do filme de Tata Amaral (risos), achamos por bem passar um bom tempo sem filmar algo no gênero. Brincadeira...

O cinema brasileiro está mesmo renascendo?

- Caldas - Esta palavra renascimento me soa estranha. Mas já que ela funciona na mídia, vamos adotá-la. Estamos mesmo num momento efervescente. Há muitos filmes chegando ao mercado e, felizmente, muitos deles são de diretores jovens, estreantes. Estes dois últimos anos registram renovação muito significativa. É a turma que vem do curta-metragem, uma grande escola. Torcemos para que prêmios, como o Resgate, continuem atendendo à categoria "diretor estreante". O autor consagrado tem muito mais possibilidade de conseguir financiamento que o

desconhecido. Vocês já têm novos projetos?

- Duda - Depois deste que é meu primeiro grande papel no

cinema, espero realizar outros papéis de tamanho relevante. Fiz uma participação especial em *Quem Matou Pixote?* (um

português, dono da venda)

e atuei nos filmes *Alô!*, de Mara Mourão, e *Como Ser Solteiro no Rio de Janeiro*, de Rosane Swartman. Ambos em fase de finalização.

- Caldas - Lírio (Ferreira) e eu temos projetos em dupla e separados. Em dupla, pretendemos dirigir *Western Indian Co.* (nome provisório), sobre a missão Nassau em Pernambuco. O

holandês implantou, no

Nordeste, a primeira empresa multinacional de que se tem notícia. Ele não assumiu

o governo de Pernambuco. Na prática, invadiu o país com uma grande empresa internacional. Este projeto é muito caro.

Ainda estamos na fase de roteirização da trama. Sozinho, planejo dirigir uma cinebiografia do poeta Augusto dos Anjos.

Lírio pensa em trabalhar o tema da morte por acidente de JK.